

DOSSIÊ

AS ELEIÇÕES DE 1974 E O FUTURO DO BIPARTIDARISMO NO RIO GRANDE DO SUL

*THE 1974 ELECTIONS AND THE
FUTURE OF BIPARTISANSHIP IN RIO
GRANDE DO SUL*

Francisco Ferraz*

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
In memoriam*

RESUMO

Este artigo examina os desdobramentos das eleições de 1974 no Rio Grande do Sul, ocasião em que o partido MDB alcançou expressiva vitória em cerca de dois terços dos municípios gaúchos. Essa vitória suscita a investigação se esse evento indicaria uma mudança duradoura nas preferências eleitorais, desafiando a estrutura bipartidária tradicional desde 1950. Dessa forma, o problema que guia esta pesquisa é compreender se a eleição de 1974 representaria o fim deste bipartidarismo e o início do domínio hegemônico do MDB sobre o eleitorado gaúcho, ou se seria explicada como uma resposta conjuntural dentro dos limites de elasticidade da estrutura bipartidista. Para isso, são enquadrados os resultados eleitorais de 1974 dentro da sequência eleitoral formada pelas eleições de 1966, 1970 e 1974, categorizando os municípios com base na população urbana para compreender as tendências eleitorais em relação a variáveis sociológicas relevantes. As conclusões preliminares apontam que o crescimento significativo do eleitorado entre 1966 e 1974 e a tendência para a sua crescente urbanização beneficiaram eleitoralmente o MDB, assim como a sustentação do bipartidarismo no Rio Grande do Sul parece estar vinculada à habilidade da ARENA em conduzir campanhas que não só mobilizem sua base eleitoral leal, mas também o capacitem a ser atrativo e competitivo para o grupo de eleitores cujos votos são decisivos nas eleições, uma vez que o contingente não identificado intensamente com um partido parece ter encontrado no MDB o canal mais receptivo para expressar suas opiniões e sentimentos políticos.

Palavras-chave: Bipartidarismo. Eleições no Rio Grande do Sul. MDB. ARENA.

ABSTRACT

This article examines the consequences of the 1974 elections in Rio Grande do Sul, when the MDB party achieved a significant victory in around two thirds of the municipalities in Rio Grande do Sul. This victory raises the question of whether this event would indicate a lasting change in electoral preferences, challenging the traditional two-party structure present since 1950. Thus, the problem that guides this research is to understand whether the 1974 election would represent the end of this bipartisanship and the beginning of MDB's political hegemony over the Rio Grande do Sul electorate, or whether it would be explained as a cyclical response within the elastic limits of the bipartisan structure. To this end, the 1974 electoral results are framed within the electoral sequence formed by the 1966, 1970 and 1974 elections, categorizing municipalities based on urban population to understand electoral trends in relation to relevant sociological variables. Preliminary conclusions indicate that the significant growth of the electorate between 1966 and 1974 and the tendency towards its increasing urbanization benefited MDB electorally, just as the support of bipartisanship in Rio Grande do Sul seems to be linked to ARENA's ability to conduct campaigns that do not only mobilize its loyal electoral base, but also enable it to be attractive and competitive for the group of voters whose votes are decisive in the elections, since the contingent not intensely identified with a party seems to have found in MDB the most receptive channel to express their political opinions and feelings.

Keywords: Bipartisanship. Elections in Rio Grande do Sul. MDB. ARENA.

INTRODUÇÃO

Os resultados globais das eleições de 1974 no RGS à primeira vista parecem dispensar análises mais detidas¹. O vulto da vitória emedebista no estado tende a impor-se de forma quase exclusiva como o fato político central desvelado pelos resultados eleitorais, a ser comentado e explicado, nele praticamente reesgotando-se o trabalho de análise.

Não resta dúvida que a vitória do MDB naquelas eleições revestiu-se de características singulares. Como mostra a Tabela 1, em não menos que 2/3 dos municípios riograndenses o partido oposicionista foi vitorioso.

Tabela I. Resultados globais por município

	MDB	ARENA	Total de Municípios
Senado	77,5% (180)	22,4% (52)	99,9% (232)
Câmara	67,6% (157)	32,3% (75)	99,9% (232)
Assembleia	65,9% (153)	34,0% (79)	99,9% (232)

Mais especificamente, estes dois terços de municípios que deram vitória ao MDB asseguraram ao partido da oposição 50% do eleitorado gaúcho.

Tabela II. Resultados globais – Eleitorado votante

	MDB	ARENA	Total de Municípios
Senado	53,6%	34,8%	11,5%
Câmara	49,9%	35,2%	14,7%
Assembleia	50,4%	35,8%	13,6%

A questão teoricamente mais atraente não é, entretanto, esmiuçar e descrever em detalhe a vitória emedebista em 1974, tão claramente resumida nos dados contidos nas duas tabelas, mas sim tentar descobrir o seu significado em relação à divisão das preferências partidárias do eleitorado gaúcho.

Em outras palavras, os resultados eleitorais de 1974 representam uma definição estável do eleitorado riograndense ou não?

Esta questão é de grande relevância quando se considera que ao longo do período iniciado em 1950 até os nossos dias o sistema partidário riograndense tem exibido uma estrutura bipartidária, com a regular alternância da preferência do eleitorado entre as duas estruturas partidistas em competição².

¹ A quase totalidade do monótono e cansativo, embora, fundamental, trabalho de processamento e computação dos dados foi realizado pelas alunas Gladis Calhau e Carmen Machado, do Curso de Ciências Sociais da UFRGS. O cuidado e a precisão com que realizaram esta tarefa garantiu a confiabilidade dos dados que utilizei neste artigo. O meu colega, professor Hégio Trindade, leu a primeira versão deste artigo oferecendo-me inúmeras sugestões e críticas valiosas, a maioria das quais foram incorporadas ao texto final.

² Os estudos de comportamento eleitoral no RGS têm atribuído posição de centralidade ao quadro bipartidário, que, antecedendo a reforma partidária de 1965 se instala no estado como estrutura de fato a partir de 1950. Veja-se a propósito: Azevedo (1960), Xausa e Ferraz (1967/1968); Trindade (1974, 1975).

Assim sendo, a eleição de 1974 representaria o fim deste bipartidarismo e o início do domínio hegemônico do MDB sobre o eleitorado gaúcho ou seria explicada como uma resposta conjuntural dentro dos limites de elasticidade da estrutura bipartidista?

Neste artigo tentarei analisar os dados nesta perspectiva, reconhecendo desde logo a impossibilidade de responder de forma categórica a questão proposta. Procurarei, portanto, enquadrar os resultados eleitorais de 1974 dentro da sequência eleitoral formada pelas eleições de 1966, 1970 e 1974 e dentro de uma tipologia de municípios criada pela variável % da população urbana sobre o total.

Desta maneira creio ser possível surpreender as tendências do eleitorado gaúcho, vinculando-as a uma variável sociológica teoricamente relevante de maneira a dimensionar de forma adequada os resultados de 1974.

O MOVIMENTO DO ELEITORADO

O eleitorado do estado teve um crescimento no período 1966/1974, da ordem de 63,6%, passando de 1.575.554 eleitores em 1966 para 2.578.683 em 1974. Dividindo-se este período em dois, pode-se constatar que no período 1966/70 o crescimento foi de 28,9% sendo de 26,9% no período 1970/74.

Tabela III. Crescimento do eleitorado no RGS

Ano	Eleitorado	% Crescimento
1966	1.575.554	—
1970	2.031.032	28,9%
1974	2.578.683	26,9%

Este crescimento, assim como a própria distribuição espacial do eleitorado não é, entretanto, constante. Subjacente à localização municipal dos eleitores operam processos sociais de natureza não política modificando a estrutura populacional dos 232 municípios do estado.

Um indicador apropriado, para surpreender este movimento populacional intermunicipal e intramunicipal, que possui indiscutíveis consequências no comportamento político é a mudança verificada no grau de urbanização dos municípios.

Com este propósito, os resultados, assim como os dados sobre o eleitorado, foram recalculados de forma a se adequarem a uma tabela de dupla entrada composta de 15 células resultado da combinação de duas variáveis:

- a. % da população municipal urbana sobre o total³ – tricotomizada em 3 categorias: até 30% da população urbana; 31 a 60% e mais de 61%.

³Esta variável foi usada com o objetivo de especificar a anterior e tornar mais discriminativa a medida do grau de urbanização. Atente-se para o fato de que um município de 10.000 habitantes com 60% de sua população vivendo em zona urbana, embora “mais urbanizado” que um município de 100.000 habitantes com 30% de população urbana, possui em realidade uma população urbana 5 vezes menor que este último.

- b. tamanho do município medido pela sua população total 2 – dividida em 5 categorias: até 10. 000 habitantes; 10 a 20.000; 20 a 30.000; 30 a 50.000 e mais de 50.000.

A distribuição do eleitorado dentre os 232 municípios riograndenses divididos em 3 níveis de acordo com a percentagem urbana de sua população permite desde logo observar a magnitude do processo de urbanização do eleitorado que se verificou de 1966 a 1974.

Tabela IV. Distribuição do eleitorado por grau de urbanização dos municípios

	1966 ⁴	1970	1974
Até 30% pop. urbana	41,9%	28,3%	27,5% (142) ⁵
De 31 a 60% pop. urbana	17,9%	25,4%	25,5% (56)
Mais de 61% pop. urbana	40,0%	46,2%	46,9% (34)
	99,8%	99,9%	99,9% (232)

Se tomarmos tão somente os dados referentes a 1974 vemos que 61,2% dos municípios (142) possuem um máximo de 30% de sua população vivendo em zonas urbanas e concentram apenas 27,5% do eleitorado, enquanto 24,1% (56) dos municípios possuem de 31 a 60% de suas populações urbanizadas e concentram 25,5% do eleitorado. Finalmente, apenas 14,2% (34) dos municípios gaúchos possuem populações altamente urbanizadas, mas concentram 46,9% do eleitorado.

A Tabela IV, ainda levando em conta a qualificação da nota 3, demonstra claramente a tendência urbanizante do eleitorado verificada no período em exame.

Os dados da Tabela IV, entretanto, informam tão somente em três momentos estáticos a distribuição do eleitorado. Conquanto nos permitam inferir a tendência indiscutível de urbanização do eleitorado, nada nos dizem sobre o diferencial de crescimento por tipo de município.

A Tabela V, construída com este propósito, especifica qual a direção e magnitude do crescimento do eleitorado para cada tipo de município.

Tabela V. Localização do crescimento do eleitorado por grau de urbanização dos municípios – 1966-1974

Até 30% pop. urbana	4,8%	(48.549)
De 31 a 60% pop. urbana	37,3%	(374.509)
Mais de 61% pop. urbana	57,8%	(580.071)
	99,9%	(1.003.129)

⁴ Os dados relativos ao ano de 1966 são imprecisos. Embora a ordem de magnitude esteja certa, a distribuição do eleitorado por grau de urbanização está distorcida. Os dados sobre a percentagem de população urbana sobre a total para 1966 foram extraídos de estimativas para 1965 feitas a partir dos dados do censo de 1960. Por ocasião do censo havia, entretanto, no RGS, 157 municípios, enquanto, em 1965, havia 232, sendo que os 75 novos municípios foram criados por desmembramento. Por esta razão, as estimativas incorporaram uma margem de erro maior que a normal e daí a excessiva discrepância existente entre as distribuições de 1966 e 1970.

⁵ Em razão da advertência da nota 3, o número de municípios contido em cada um dos três graus de urbanização foi relacionado apenas com as eleições de 1970 e 1974.

Observou-se antes que o eleitorado riograndense cresceu, no período 1966/1974 em 63,6%, o que corresponde a 1.003.129 novos eleitores, em termos absolutos. O que a Tabela V revela é o padrão da distribuição deste crescimento. Os dados obviamente não nos permitem isolar a 1.003.129 novos eleitores para determinar com precisão onde se situam. A Tabela V não pode ser lida como indicando que de cada 10 novos eleitores 5,7% situam-se nos municípios mais urbanizados, porque seria equivalente afirmar que, dentro deste período, nenhum eleitor antigo (isto é, já votante em 1966) teria se deslocado de seu município original (isto é, município onde esteve alistado em 1966) para outro.

De qualquer maneira, tomado em seu conjunto, este crescimento, sem qualquer dúvida, tende a aumentar o eleitorado dos municípios mais urbanizados.

Assim, comparando-se a Tabela IV com a V observa-se que, embora de 1966 a 1974 a percentagem do eleitorado gaúcho concentrado nos municípios mais urbanizados aumentou em 6,9% (Tabela IV) o crescimento do eleitorado destes municípios abarcou nada menos que 57,8% do crescimento do eleitorado de todos os municípios do estado.

A Tabela VI, contendo a distribuição percentual do eleitorado gaúcho nas três últimas eleições, discrimina por tamanho dos municípios (população total) a tendência urbanizante referida.

Tabela VI. Distribuição do eleitorado por grau de urbanização do município – 1966/1974

Até 30% população urbana	1966 ⁶	1970	1974	
Até 10.000 habits.	4,7%	5,7%	5,3%	(55) ⁷
De 10.000 a 20.000	13,2%	9,8%	10,1%	(59)
De 20.000 a 30.000	8,8%	4,7%	4,4%	(14)
De 30.000 a 50.000	9,5%	5,0%	4,8%	(10)
Mais de 50.000	5,7%	3,1%	2,9%	(4)
TOTAL	41,9%	28,3%	27,5%	(142)
De 31% a 60% população urbana	1966	1970	1974	
Até 10.000 habits.	0,3%	1,0%	1,0%	(8)
De 10.000 a 20.000	2,9%	3,8%	3,5%	(15)
De 20.000 a 30.000	1,5%	4,6%	4,4%	(12)
De 30.000 a 50.000	7,6%	6,1%	6,2%	(10)
Mais de 50.000	5,6%	9,9%	10,3%	(11)
TOTAL	17,9%	25,4%	25,5%	(56)
De 61 a 100% população urbana	1966	1970	1974	
Até 10.000 habits.	0,3%	0,2%	0,2%	(2)
De 10.000 a 20.000	1,0%	1,5%	1,5%	(6)
De 20.000 a 30.000	0,5%	0,8%	0,9%	(3)
De 30.000 a 50.000	1,2%	4,5%	4,9%	(8)
Mais de 50.000	37,0%	39,2%	39,4%	(15)
TOTAL	40,0%	46,2%	46,9%	(34)

Ainda considerando a advertência da nota 5, os dados da Tabela VI demonstram com nitidez o movimento do eleitorado em direção aos municípios mais urbanizados. Não

⁶ A advertência da nota 3 é válida para a coluna correspondente ao ano de 1966 nesta tabela.

⁷ O número de municípios contido em cada uma das cinco categorias da variável tamanho da população foi relacionado apenas com as eleições de 1970 e 1974, em razão da advertência da nota 3.

menos que 44,3% do eleitorado gaúcho concentra-se em 23 municípios (10% de todos os municípios riograndenses), e 60,8% do eleitorado se encontra em 44 municípios (19% de todos os municípios – mais de 30.000 habitantes – de 31 a 60% urbano e mais de 61% urbanos).

Atente-se ao fato de que este fenômeno de urbanização do eleitorado não é explicado apenas pelo crescimento de Porto Alegre, que em 1974 reuniu 16% do eleitorado.

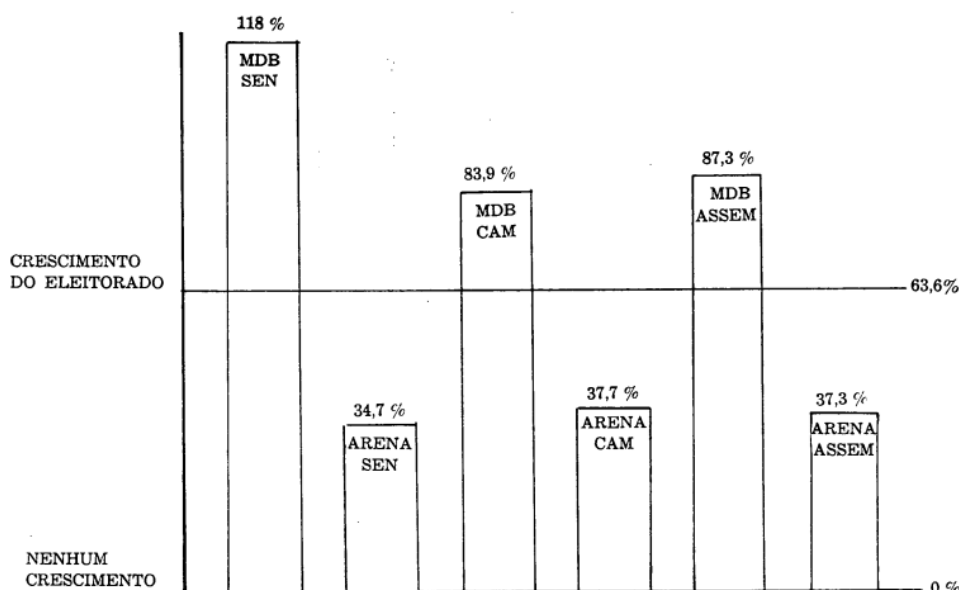
A Tabela VI presta-se com facilidade para orientar qualquer estratégia de campanha eleitoral que busque, com um mínimo de custos atingir o máximo de eleitores. Assim, os 85 municípios mais urbanizados em 1974 correspondendo praticamente a 1/3 dos municípios gaúchos (36,6%) continham mais que 3/4 do eleitorado (76,5%), enquanto os 147 municípios menos urbanizados, correspondendo a praticamente 2/3 dos municípios do estado reuniam menos que 1/4 do eleitorado (23,4%).

Os dados impõem, pois, a conclusão de que o sucesso eleitoral no RGS decidir-se-á cada vez mais nos maiores centros urbanos devido ao fato de que a relação eleitorado/quantidade de município é inversa.

Até aqui foi possível descrever as mudanças do eleitorado e a tendência de sua concentração nos municípios mais urbanizados. Impõe-se agora analisar globalmente o impacto destas mudanças nos dois partidos políticos dentro do período 66/74. O crescimento vegetativo do eleitorado e o processo de urbanização a que está submetido de que forma agiu sobre os dois partidos?

O Quadro I ilustra graficamente o crescimento do eleitorado dos dois partidos comparando-o com o crescimento geral do eleitorado riograndense dentro do período 66/74.

Quadro I. Crescimento do eleitorado e crescimento partidarista – 1966-1974



Observa-se neste quadro que embora ambos os partidos tenham aumentado seus eleitores dentro do período, o MDB aumentou-o em nível superior ao crescimento do eleitorado, enquanto a ARENA cresceu abaixo daquele nível. Não apenas o MDB cresceu acima do crescimento do eleitorado como este crescimento correspondeu ao triplo do crescimento da ARENA nas eleições senatoriais e mais que o dobro nas eleições para a Câmara e Assembleia.

Estes dados devem, entretanto, ser lidos com cautela. Eles novamente nos remetem à questão central deste artigo: significa este crescimento uma redefinição do tradicional bipartidarismo gaúcho, no sentido da afirmação de uma hegemonia emedebista no estado, ou é resultado de flutuações conjunturais na expressão da preferência partidária?

Conquanto o Quadro I refira-se à sequência 66/74 e não apenas aos resultados de 1974, a pergunta merece ser recolocada, pois os resultados da última eleição pesam desproporcionalmente no cálculo do coeficiente de crescimento do eleitorado dos partidos.

A Tabela VII especifica melhor o crescimento do eleitorado dos dois partidos dividindo-o em dois períodos: 1966/70; 1970/74.

Tabela VII. Crescimento do eleitorado partidista – 1966/70; 1970/74

	MDB	ARENA	Branco/Nulos
Senado 70/66	29,5%	34,6%	13,5%
Senado 74/70	68,3%	0,0%	-4,8%
Câmara 70/66	5,4%	34,9%	86,7%
Câmara 74/70	74,3%	2,1%	5,5%
Assembleia 70/66	7,7%	34,5%	81,6%
Assembleia 74/70	73,8%	2,1%	6,9%

Os dados desta tabela quase dispensam interpretações tão claras eles são. O período 66/70 é marcado pelo declínio do MDB, não em favor da ARENA que mantém o crescimento da ordem de 34% pouco acima do crescimento do eleitorado no período (28,9%), mas em favor das alternativas voto branco ou voto nulo a demonstrar a sensibilidade de parcela de seu eleitorado à campanha feita neste sentido por ocasião da eleição de 1970.

Por outro lado, o período 70/74 registra o crescimento do voto emedebista, bem acima do crescimento do eleitorado no período (26,9%) e a estagnação do eleitorado arenista, cujo crescimento maior é da ordem de 2%. Paralelamente nos 3 tipos de eleições decresce o número de votos anulados a indicar, além do renovado interesse nas eleições, a reabsorção pelo partido oposicionista daquela parcela do seu eleitorado que perdeu em 1970.

Feitas estas considerações preliminares que permitem a localização das principais tendências verificadas no período, a análise comparativa dos resultados eleitorais das 3 últimas eleições pode ser feita com maior segurança.

ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES SENATORIAIS 1966/70/74

Tabela VIII. Eleitorado partidista – Senado Federal – (1966–1974)

I. Até 30% da população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	49,3%	34,8%	50,3%	38,1%	44,5%	46,1%
De 10.000 a 20.000	50,9%	34,1%	50,5%	37,2%	43,7%	46,3%
De 20.000 a 30.000	48,6%	35,6%	50,4%	38,2%	41,8%	48,2%
De 30.000 a 50.000	47,1%	35,9%	47,2%	39,2%	42,1%	47,1%
Mais de 50.000	44,3%	40,2%	45,7%	39,4%	37,7%	49,7%
TOTAL	48,5%	35,7%	49,4%	38,2%	42,6%	47,1%
BRANCOS E NULOS	15,8%		12,4%		10,3%	

II. De 31 a 60% população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	44,4%	45,4%	47,6%	37,2%	40,8%	47,9%
De 10.000 a 20.000	42,4%	40,4%	48,4%	38,6%	40,7%	49,0%
De 20.000 a 30.000	47,3%	37,8%	48,9%	38,5%	40,9%	48,1%
De 30.000 a 50.000	39,6%	41,8%	48,4%	37,4%	39,2%	50,1%
Mais de 50.000	45,7%	39,4%	47,2%	39,5%	38,5%	50,6%
TOTAL	42,6%	40,6%	48,6%	38,6%	39,5%	49,7%
BRANCOS E NULOS	16,8%		13,4%		10,8%	

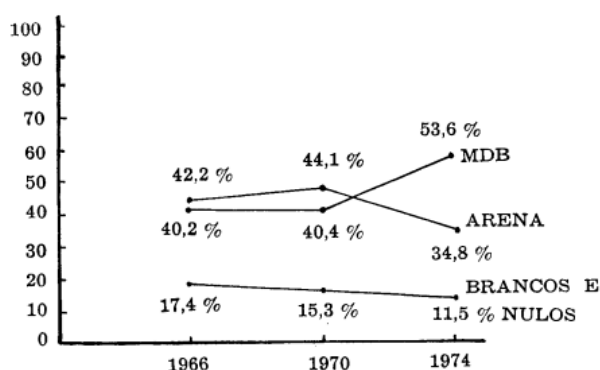
III. De 61 a 100% população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	38,3%	44,7%	42,6%	42,6%	31,4%	56,8%
De 10.000 a 20.000	41,2%	41,5%	47,0%	37,8%	40,0%	48,1%
De 20.000 a 30.000	30,3%	53,5%	45,4%	38,5%	32,2%	54,9%
De 30.000 a 50.000	42,2%	44,2%	39,2%	44,4%	27,6%	59,2%
Mais de 50.000	35,3%	44,6%	38,2%	42,9%	27,0%	60,1%
TOTAL	35,5%	44,6%	38,7%	42,7%	27,6%	59,5%
BRANCOS E NULOS	19,9%		18,6%		12,9%	

A Tabela VIII contém muitas informações, das quais apenas algumas serão assinaladas neste artigo.

Em primeiro lugar, observando-se o desempenho eleitoral dos partidos ao longo dos três momentos da série temporal 66/74, percebe-se que pode ser descrito por duas curvas que teriam o seguinte traçado.

Ainda que os dados incluídos no Quadro II refiram-se aos resultados globais das eleições senatoriais, o mesmo traçado curvilíneo descreve adequadamente o desempenho eleitoral dos dois partidos, seja adotando-se a classificação dos municípios por grau de urbanização, seja adotando-se a classificação por tamanho de população.

Quadro II. Resultados das eleições senatoriais

Se o Quadro II for estudado levando-se em conta os dados sobre percentagens de votos brancos e nulos, deve-se reconhecer que, em 1970, na eleição senatorial, os votos anulados não parecem ter sido decisivos para explicar a derrota do MDB. Como se vê no quadro II o percentual de votos anulados em 1970 foi inferior ao verificado na eleição de 1966. Ainda mais, se reconhecêssemos que o percentual de votos anulados em 1974 estaria indicando a situação normal, e se reduzirmos artificialmente a percentagem de anulados em 1970 ao nível de 1974 ($15,3\% - 11,5\% = 3,8\%$), seria necessário supor que todos os 3,8% *sobrantes* eram votos emedebistas para assegurar àquele partido a vitória por uma diferença de 0,1%!

É, pois, importante sublinhar que os dados não autorizam a conclusão de que os votos anulados na eleição senatorial de 1970 explicariam o insucesso emedebista. Na realidade o que parece explicar o insucesso do MDB na eleição senatorial daquele ano é o sucesso eleitoral dos candidatos arenistas que conseguiram reunir 44,1% dos votos.

Analogamente, o sucesso emedebista em 74 também não é explicado pela redução dos votos anulados em seu favor. Na realidade o incremento de 13,2% na votação emedebista somente é possível em razão da perda de 9,3% da votação arenista.

Nas eleições de 1966 e 1970 a ARENA vence o MDB por pequena margem. Ambos os partidos dividem o eleitorado gaúcho permanecendo na faixa dos 40% nas duas eleições. A aceitar-se a argumentação acima exposta, a vitória nestas duas eleições provavelmente se explique pela mais antiga das razões: vence o partido com o candidato com maior capacidade de mobilização de votos. Esta explicação, ainda que corra o risco de ser simplista, ganha plausibilidade adicional quando se considera que, com as mudanças do sistema político, as eleições senatoriais herdaram muitas características das eleições diretas para o governo do estado. Assim, o fato de serem eleições majoritárias, as únicas onde os candidatos devem representar diretamente todo o eleitorado do estado, faz com que as suas características pessoais e políticas adquiram um peso muito maior do que antes.

No sistema eleitoral anterior o candidato a senador era um companheiro de chapa do candidato a governador. A eleição para governador, em razão da importância do cargo disputado e da forma majoritária direta em que se realizava, personalizava a

campanha, relativizando a disputa senatorial. Com a forma indireta de escolha do governador as eleições senatoriais ganharam significativamente importância aos olhos do eleitorado exigindo do candidato a senador algumas das características que, antes se exigia do candidato a governador.

É oportuno lembrar o quanto pesou para o eleitorado emedebista em 1970 o passado político do então candidato Paulo Brossard. Já em 1974 parece que o eleitorado do MDB «metabolizou» o Sr. Paulo Brossard, que, provavelmente capitalizou muitos votos não emedebistas em razão daquele mesmo passado que em 1970 criou-lhe problemas no seu partido. Da mesma forma parece fora de dúvidas que o Sr. Nestor Jost foi um candidato muito fraco em 1974, concorrendo significativamente com a sua debilidade eleitoral para a derrota de seu partido.

Retornando à Tabela VIII, analisando-a verticalmente, pode-se constatar que, quanto mais rural é a estrutura populacional dos municípios mais forte é a ARENA, inversamente quanto mais urbana mais forte é o MDB. Esta constatação é facilmente feita quando se lê os dados da tabela coluna por coluna. Observa-se então que os percentuais totais da ARENA diminuem e os do MDB aumentam consistentemente à medida em que se transita da categoria I – municípios com até 30% de população urbana – para as categorias II e III.

Esta observação pode ser suplementada com a seguinte qualificação:

Em 1974 o MDB é melhor adversário nas zonas rurais que a ARENA nas zonas urbanas, enquanto em 1966 e 1970 a ARENA é melhor adversário em zonas urbanas do que o MDB em zonas rurais.

Finalmente, mesmo desconsiderando a classificação dos municípios por percentagem da população urbana sobre a total, e adotando-se a classificação por tamanho de população municipal, constata-se que quanto maior a população mais forte é o MDB e inversamente quanto menor mais forte é a ARENA.

Na eleição de 1974, esta tendência mantém-se e é exacerbada em razão do vulto excepcional de vitória do MDB. Se se considerar como limiar competitivo de um partido, num sistema bipartidário, a faixa percentual mínima de 40%, observa-se que o padrão de competitividade da ARENA foi o seguinte:

- a. até 30% pop. urbana: só não foi competitiva nos municípios c/ mais 50.000 h;
- b. de 31 a 60% pop. urbana: só foi competitiva nos municípios até 30.000 h;
- c. mais de 61% pop. urbana: só foi competitiva nos municípios até 20.000 h.

Traduzindo-se estes dados em termos do eleitorado votante obtém-se que a ARENA só foi competitiva para 35,4% do eleitorado para os restantes 64,6% a ARENA não foi competitiva.

Finalmente, os Quadros III, IV e V permitem concluir a análise da série de eleições senatoriais. Estes quadros⁸, foram construídos na forma de retângulos cujo

⁸ A adoção destes quadros, para a imediata percepção de qual partido é beneficiado pela ampliação ou redução dos votos brancos e nulos, me foi sugerida pelo professor Herbert G. Calhau.

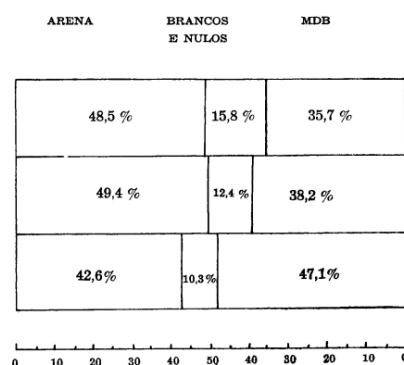
comprimento corresponde a 100% do eleitorado. O espaço ocupado pelos 2 partidos é dividido pelo espaço intermediário ocupado pelo total de votos anulados. Pode-se desta forma visualizar a quem beneficia a ampliação ou redução dos votos anulados, uma vez que o espaço ocupado por esses últimos desloca-se para a direita ou esquerda “empurrado” pelo crescimento de um ou de outro partido.

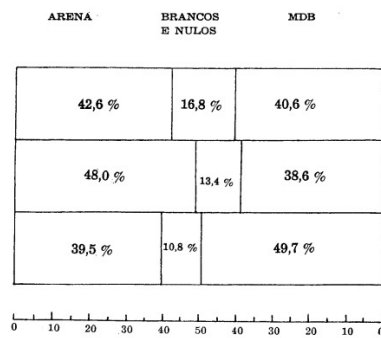
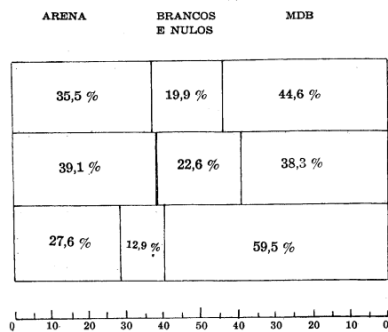
Analisando-se em conjunto os três quadros pode-se constatar:

1. o crescimento do eleitorado do MDB e o decréscimo do eleitorado da ARENA através do período;
2. este crescimento e decréscimo são qualificados em função do tipo de município. Assim o MDB cresce mais e a ARENA decresce mais nos municípios menos urbanizados e mais urbanizados e menos nos de urbanização média;
3. os votos anulados não prejudicam o MDB nos municípios até 30% urbanos, já que de 66 a 70 o MDB cresce mais que a ARENA nestes municípios. Já nos municípios de urbanização média e grande o crescimento da ARENA “empurra” a coluna dos votos anulados contra o espaço do MDB reduzindo o eleitorado da oposição (em comparação com 1966), porém em taxas inferiores ao crescimento da ARENA (de 31 a 60% urbana ARENA mais 6,6% MDB – 2,0%; mais de 61% urbana ARENA mais 3,2% MDB – 1,9);
4. em último lugar, os quadros deixam claro que em 1974 os votos anulados foram “empurrados” com violência contra o espaço eleitoral da ARENA. A ser válida a suposição de que é mais fácil a um partidário votar em branco ou anular o seu voto a votar no candidato de outro partido, grande número de votos anulados em 1974 proveio do eleitorado arenista. Na outra hipótese, supondo-se que uma percentagem em torno de 2% do eleitorado sistematicamente opta por uma posição apolítica, votando em branco ou anulando seu voto, já que, devido à obrigatoriedade do voto devem comparecer às urnas, a explicação para o movimento visível nos quadros III, IV e V, seria de que apreciável contingente de eleitores que anteriormente votaram na ARENA teriam preferido os candidatos do MDB.

Em qualquer das duas hipóteses confirma-se a explicação dada páginas atrás ao comportamento do eleitorado nas eleições majoritárias para o Senado.

Quadro III. Eleitorado partidário – Senado (1966-74), até 30% população urbana



Quadro IV. Eleitorado partidário – Senado (1966–74), de 31 a 60% população urbana**Quadro V.** Eleitorado partidário – Senado (1966–74), de 61 a 100% população urbana

ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PROPORCIONAIS – 1966, 70, 74

Os resultados das eleições proporcionais constituem indicadores mais seguros para a identificação do eleitorado partidário do que as eleições majoritárias. Nelas é de se esperar que o comportamento dos eleitores será dominado de forma mais consistente por considerações de ordem partidária. O próprio fato de que cada partido oferece a seu eleitorado um conjunto diversificado de candidatos concorre para que preferências pessoais, ideológicas ou de estilo possam ser definidas dentro do partido, minimizando-se assim as infidelidades eleitorais.

Os dados confirmam esta proposição, sendo que as eleições para a Assembleia Legislativa do estado ainda possuem em maior grau aquelas características.

Os resultados das eleições proporcionais seguem basicamente as linhas já descritas na análise das eleições senatoriais. Com algumas diferenças que merecem especial atenção.

As tabelas IX e X, apresentadas a seguir serão analisadas conjuntamente, dada a semelhança existente entre as duas distribuições.

Tabela IX. Eleitorado partidista (Câmara dos Deputados) – % na horizontal**I. Até 30% população urbana**

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	53,1%	38,6%	48,1%	36,1%	44,5%	46,1%
De 10.000 a 20.000	53,0%	40,2%	50,0%	34,0%	43,7%	46,3%
De 20.000 a 30.000	51,3%	38,9%	50,1%	34,1%	41,8%	48,2%
De 30.000 a 50.000	50,1%	38,2%	46,1%	37,5%	42,1%	47,1%
Mais de 50.000	49,8%	37,5%	45,8%	33,2%	37,7%	49,7%
TOTAL	51,6%	38,9%	48,6%	34,9%	42,6%	47,1%
BRANCOS E NULOS	9,5%		16,5%		10,8%	

II. De 31 a 60% população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	56,0%	35,3%	44,9%	34,2%	40,8%	47,9%
De 10.000 a 20.000	41,6%	45,3%	46,0%	35,2%	40,7%	49,0%
De 20.000 a 30.000	44,8%	42,7%	47,5%	34,8%	40,9%	48,1%
De 30.000 a 50.000	43,5%	44,5%	47,3%	31,9%	39,2%	50,1%
Mais de 50.000	46,1%	42,2%	46,4%	35,4%	38,5%	50,6%
TOTAL	44,3%	43,6%	46,7%	34,3%	39,5%	49,7%
BRANCOS E NULOS	12,1%		19,0%		10,8%	

III. Mais de 61% população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	38,3%	44,7%	39,4%	37,9%	31,4%	56,8%
De 10.000 a 20.000	41,2%	41,5%	48,6%	30,2%	40,0%	48,1%
De 20.000 a 30.000	30,3%	53,5%	46,8%	30,9%	32,2%	54,9%
De 30.000 a 50.000	42,2%	44,2%	36,0%	40,2%	27,6%	59,2%
Mais de 50.000	35,3%	44,6%	39,0%	38,6%	27,0%	60,1%
TOTAL	35,5%	44,6%	39,1%	38,3%	27,6%	59,5%
BRANCOS E NULOS	19,9%		22,6%		12,9%	

Tabela X. Eleitorado partidista (Assembleia Legislativa) – % na horizontal
I. Até 30% população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	51,3%	38,5%	48,1%	36,1%	44,4%	43,4%
De 10.000 a 20.000	53,5%	37,3%	50,0%	34,0%	43,5%	44,3%
De 20.000 a 30.000	52,1%	38,7%	50,1%	34,1%	41,5%	45,9%
De 30.000 a 50.000	51,3%	38,9%	46,1%	37,5%	41,8%	45,6%
Mais de 50.000	50,8%	39,0%	45,8%	33,2%	39,1%	45,3%
TOTAL	52,1%	38,3%	48,6%	34,9%	42,6%	44,7%
BRANCOS E NULOS	9,6%		16,5%		12,7%	

II. De 31 a 60% população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	56,6%	35,7%	44,9%	34,2%	39,4%	45,5%
De 10.000 a 20.000	42,2%	45,9%	46,0%	35,2%	40,8%	45,6%
De 20.000 a 30.000	46,3%	43,5%	47,5%	34,8%	42,3%	43,6%
De 30.000 a 50.000	44,8%	45,4%	47,3%	31,9%	38,9%	46,4%
Mais de 50.000	48,3%	41,1%	46,4%	35,4%	40,7%	46,6%
TOTAL	45,8%	43,8%	46,7%	34,3%	40,5%	45,9%
BRANCOS E NULOS	10,4%		19,0%		13,6%	

III. Mais de 60% população urbana

	1966		1970		1974	
	ARENA	MDB	ARENA	MDB	ARENA	MDB
Até 10.000 habits.	41,9%	46,7%	39,4%	37,9%	29,3%	54,6%
De 10.000 a 20.000	40,2%	46,5%	48,6%	30,2%	40,0%	44,7%
De 20.000 a 30.000	20,4%	62,1%	46,8%	30,9%	48,1%	49,7%
De 30.000 a 50.000	37,7%	53,5%	36,0%	40,2%	28,5%	55,9%
Mais de 50.000	31,0%	50,1%	39,0%	38,6%	28,5%	56,9%
TOTAL	31,4%	50,2%	39,1%	38,3%	29,3%	56,3%
BRANCOS E NULOS	18,4%		22,6%		14,4%	

Os dados das Tabelas IX e X desde logo conduzem a uma conclusão análoga a que se chegou no estudo das eleições senatoriais. Ainda que o salto na magnitude dos votos anulados de 1966 a 1970 tenha prejudicado o MDB, a eles não pode ser atribuída a explicação para a derrota do partido oposicionista. Na verdade, somente na categoria III de municípios (mais urbanizados) os votos anulados podem, com segurança, explicar a derrota do MDB.

Tomando-se os resultados globais, artificialmente reduzindo-se a percentagem de votos nulos e brancos aos níveis de 1974 (ano indiscutivelmente favorável ao MDB)

e, atribuindo a diferença percentual *totalmente* ao MDB percebe-se que mesmo assim o partido da oposição não consegue em 1970 superar o partido situacionista em número de votos.

Tabela XI. Resultados globais para Câmara e Assembleia – 1970

	ARENA	MDB	Branco/ Nulos	Branco/ Nulos	Diferença favorável - MDB
Câmara	43,7%	36,3%	19,8%	14,7%	mais 5,1%
Assembleia	44,5%	36,8%	18,5%	13,6%	mais 4,9%

Esta constatação é de grande importância uma vez que contraria a opinião generalizada que se transformou quase numa verdade indiscutida de que em 1970 não houve uma vitória da ARENA e sim a derrota do MDB pela perda de um decisivo contingente de eleitores opositores que preferiram anular seus votos.

Esta conclusão não significa desconhecer que a conjuntura política da época, assim como o contexto em que se desenvolveu a campanha, tenham sido desfavoráveis ao MDB, podendo ter atuado como um dos fatores de desestímulo a parcelas significativas do eleitorado simpaticista com o MDB, levando uma parte deste eleitorado a votar em branco ou anular seu voto e outra parte a votar em candidatos arenistas. A soma destas duas deserções explicaria então a baixa performance eleitoral do MDB em 1970. Esta hipótese, entretanto, não pode ser testada contra os dados. O que é indiscutível, porém, é que os votos brancos e nulos não foram a causa da derrota emedebista. Na realidade o que ocorreu foi o sucesso da ARENA na mobilização da maioria do eleitorado a seu favor.

Retornando às Tabelas IX e X, confirma-se a constatação feita antes, relativamente às eleições senatoriais, sobre a relação existente entre a estrutura predominantemente rural dos municípios e a maior força eleitoral da ARENA e a estrutura predominantemente urbana dos municípios e a maior força eleitoral do MDB. À medida em que se avança de municípios mais rurais para municípios mais urbanizados aumenta o eleitorado emedebista e diminui o arenista. O mesmo ocorre se considerarmos apenas a variável tamanho da população dos municípios. Quanto mais populoso o município mais forte o MDB e mais fraca a ARENA.

Estas relações somente estão ausentes nas eleições de 1970 nos municípios mais urbanizados e mais populosos, exatamente naqueles onde o volume de votos anulados é maior, dos quais, com maior segurança, boa parcela dele pode ser caracterizada como voto de protesto.

Os quadros VI a XI permitem visualizar de forma mais dinâmica a sequência de resultados para as eleições proporcionais e a movimentação, eleição a eleição, do eleitorado partidário “empurrando” a coluna de votos anulados contra o espaço eleitoral ora de um partido, ora de outro.

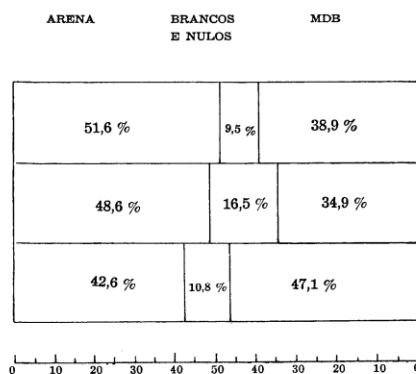
A análise conjunta destes quadros permite concluir:

1. a curva de crescimento do MDB no período é abaulada para baixo em razão do insucesso eleitoral de 1970; a curva de decréscimo da ARENA é abaulada para cima em razão do sucesso eleitoral de 1970;
2. estas conclusões, entretanto, devem ser especificadas em função do movimento da coluna de votos anulados.

Os quadros VI e VII demonstram que, nos municípios mais rurais, o incremento de votos anulados em 1970 em comparação com 1966 prejudica ambos os partidos sendo que o MDB é o mais prejudicado, embora em apenas 1%.

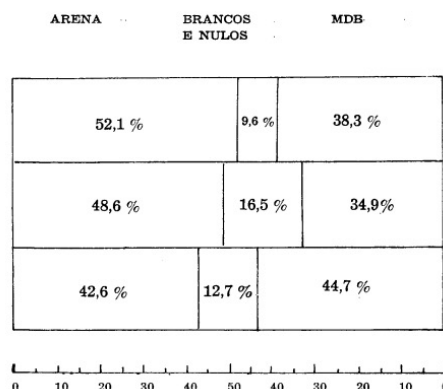
Já em 1974 o crescimento do MDB empurra a coluna de brancos e nulos contra o espaço eleitoral da ARENA diminuindo-o em 6%. Assim, em 1974, não só o MDB, nesta categoria de municípios, minimizou a perda de seu eleitorado para a opção branco/nulo como parece impô-la ao eleitorado arenista.

Quadro VI. Eleitorado partidário (Câmara Federal), até 30 % da população urbana



Esta tendência consegue ser imposta com mais sucesso pelo MDB nas eleições para a Câmara do que para a Assembleia, não, entretanto, por uma capacidade maior da ARENA, que mantém o mesmo percentual nos dois níveis de eleição, mas por uma menor capacidade eleitoral dos candidatos opositores naquele nível de eleição.

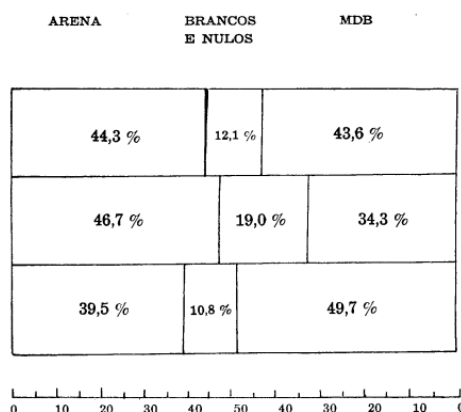
Quadro VII. Eleitorado partidário (Assembleia Estadual), até 30% população urbana



Os Quadros VIII e IX evidenciam-se que, nos municípios de urbanização média (31 a 60% população urbana) o incremento de votos anulados em 1970, manifestamente coincide com um pequeno crescimento eleitoral da ARENA e com uma perda de 9,5% por parte do MDB, se se toma como base de comparação os resultados de 1966.

Por outro lado, em 1974, o crescimento do MDB “empurra” ainda mais a coluna dos votos anulados contra o espaço eleitoral da ARENA. Em comparação com os municípios menos urbanizados (quadros VI e VII) o crescimento do MDB é maior e a resistência da ARENA menor.

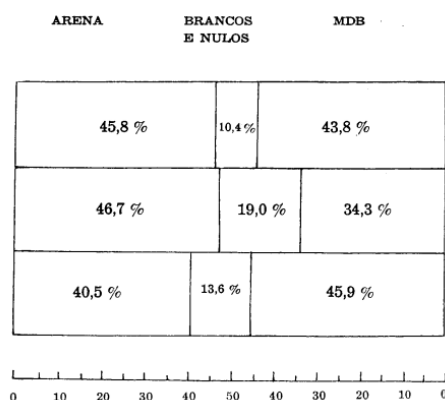
Quadro VIII. Eleitorado partidário (Câmara Federal), de 31 a 60% população urbana

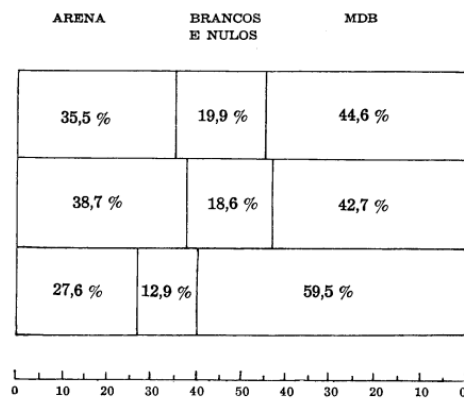
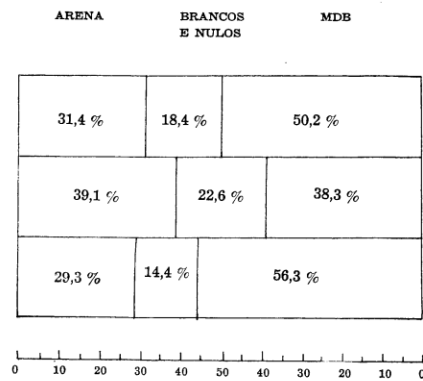


Analogamente ao verificado nos quadros analisados anteriormente o desempenho oposicionista é mais vigoroso nas eleições para a Câmara Federal do que para a Assembleia Legislativa, sendo que nesta última a capacidade de resistência da ARENA é maior mantendo-se nela a tendência para uma menor capacidade eleitoral do partido oposicionista.

Finalmente, os Quadros X e XI revelam as mesmas tendências observadas nos quadros VII e IX com maior intensidade.

Quadro IX. Eleitorado partidário (Assembleia estadual), de 31 a 60 % população urbana



Quadro X. Eleitorado partidário (Câmara Federal), mais de 61% população urbana**Quadro XI.** Eleitorado partidário (Assembleia Estadual), mais de 61% população urbana

Antes de retomar a questão proposta no início do artigo, convém resumir as principais constatações ensejadas pela análise dos dados:

1. o eleitorado riograndense cresceu, de 1966 a 1974, em 63,6%;
2. este crescimento, somado às mudanças na distribuição espacial da população, aumentou em 57,8% o eleitorado dos municípios mais urbanizados, isto é, com mais de 61% de sua população vivendo em zonas urbanas;
3. a urbanização do eleitorado riograndense tem favorecido o MDB que encontra nos municípios mais urbanizados seu maior potencial eleitoral;
4. inversamente, a urbanização do eleitorado é concomitante com a estagnação, o consequente declínio, do eleitorado arenista que encontra, nos municípios menos urbanizados seu mais fiel contingente eleitoral;
5. os votos brancos e nulos certamente prejudicaram o desempenho eleitoral do MDB em 1970 quando um considerável contingente de eleitores deste partido optou pela anulação do seu voto;

6. os votos brancos e nulos possivelmente prejudicaram o desempenho eleitoral da ARENA em 1974, quando, provavelmente, uma parcela do seu eleitorado preferiu anular seu voto;
7. os votos brancos e nulos, entretanto, tanto em 1970 como em 1974, por si sós, não constituem fatores explicativos do insucesso emedebista em 1970 ou arenista em 1974;
8. quanto mais urbanizado o município mais vulnerável é o seu eleitorado para a opção branco/nulo;
9. comparando-se o tipo de eleição, o MDB tem demonstrado maior regularidade e melhor desempenho nas eleições majoritárias que nas proporcionais, enquanto a ARENA revela-se mais competitiva nas proporcionais, em especial nas eleições para a Assembleia Legislativa;
10. o grau de urbanização e/ou o próprio tamanho do município, medido pela sua população total estão positivamente relacionados com o poderio eleitoral do MDB e negativamente com o poderio eleitoral da ARENA, independentemente do tipo de eleição, majoritária ou proporcional.

CONCLUSÃO

As análises do comportamento eleitoral no RGS até agora têm sido empreendidas tomando-se como marco de referência a existência e persistência de um sistema bipartidário estável. Este bipartidarismo constatado a princípio nas eleições majoritárias para o governo do estado (XAUSA e FERRAZ, 1967/1968), no período 1945 a 1962, se compunha de duas coalizões partidárias em oposição, ambas com sólida base eleitoral, que se alternavam no poder ao compasso do calendário eleitoral.

Naquele estudo assinalava-se que, com o deslocamento da massa do eleitorado varguista do PSD para o PTB, constituiu-se este último na maior força partidária do estado, impondo aos demais partidos o dilema cujas alternativas eram: manterem-se separados e se entregarem ao domínio do trabalhismo, ou comporem suas diferenças e unirem-se contra ele.

Da opção pela segunda alternativa emergiu o bipartidarismo da fase multipartidária no qual se percebe,

[...] por detrás da aparente heterogeneidade das legendas combinadas nas várias eleições ocorridas de 1945 a 1966, uma linha de comportamento que revela a única polarização verdadeiramente relevante da vida política do Estado, a saber: o confronto PTB-anti PTB, enucleando ao seu redor no mínimo desde 1950, as demais manifestações que, por sua natureza periférica, só à luz deste contraste podem ser estudadas. (XAUSA e FERRAZ, 1967/1968, p. 231).

Hélgio Trindade, em estudos posteriores estendeu a validade do modelo bipartidário ao nível local, demonstrando que o fenômeno observado ao nível das eleições para o governo do estado, possuía raízes profundamente plantadas na política local:

Os dados gerais mostram que do somatório das 398 coligações referentes às quatro eleições locais do período, 290 são coligações anti-PTB e 62 são nucleadas em torno do PTB. Dois terços das coligações analisadas, pois, pertencem a partidos anti-petebistas. Observa-se, por outro lado, um pequeno número de coligações incongruentes: apenas 37 coligações figuram nesta categoria e 9 são consideradas espúrias. (TRINDADE, 1975a, p. 161-162).

Trindade também confirmou e precisou a constatação feita no artigo de Xausa e Ferraz referentemente ao crescimento constante do PTB: “Ou, noutra chave, crescendo o PTB de eleição para eleição, maior é o número de partidos que necessita unir-se para aspirar derrotá-lo” (XAUSA e FERRAZ, 1967/1968, p. 236).

Ao analisar o padrão das coligações a nível local, Trindade demonstra que “[...] as coligações anti-PTB são progressivamente mais amplas para poder enfrentar a força do populismo. Este reforçamento das coligações anti-PTB se explica pelo fato de que os partidos conservadores-liberais tendem a perder força eleitoral” (TRINDADE, 1975a, p. 162).

Os estudos de Trindade fixaram então, com clareza, a tendência básica do bipartidarismo da fase multipartidária: a crescente força eleitoral do trabalhismo e o declínio do poderio eleitoral dos partidos conservadores-liberais dentro do marco bipartidário, com alternância dos dois blocos no poder.

Na transição do multi-partidarismo para o bipartidismo, as análises feitas coincidem na consideração de que as novas estruturas partidárias “[...] serviram apenas para confirmar e oficializar arregimentações já fixadas firmemente nas eleições de 1962 [...]” (XAUSA e FERRAZ, 1967/1968, p. 268). O artigo de 1968, publicado nesta revista, confirma este fato tanto ao nível da composição dos respectivos diretórios regionais, como ao nível da origem partidária dos candidatos e eleitos do MDB e da ARENA nas eleições de 1966 (XAUSA e FERRAZ, 1967/1968, p. 270-271, em especial o Quadro 8).

Trindade, comparando os resultados de 1966, 1970 e 1974, com os da fase multipartidária, descobriu que a mudança do sistema partidário teve um impacto negativo para o bloco populista (PTB-MDB) produzindo a reversão das tendências observadas de 1950 a 1962:

Seria lógico esperar que, em função da nova clivagem partidária ARENA-MDB, as tendências anteriormente observadas se confirmassem na distribuição das forças eleitorais, concentrando-se no partido da oposição. Entretanto, tal não ocorreu, [...] o que ressalta dos dados é o processo de transferência maciça de votos em direção contrária à observada no período multipartidário, tornando os municípios anteriormente dominados pelo PTB, em zona de influência da ARENA ou em municípios em equilíbrio eleitoral. Quanto aos municípios

controlados pelos partidos conservadores-liberais (anti-PTB), entretanto, observa-se que apenas metade destes perdem a dominação anterior e tornam-se sem dominação partidária, sem que ocorra um único caso de transferência em favor do MDB. (TRINDADE, 1975a, p. 173).

As eleições de 1974, entretanto, no entender de Trindade, alteram radicalmente o quadro de dominância arenista. Introduzindo o cálculo da tendência evolutiva ele conclui que,

A análise da tendência evolutiva da ARENA e MDB nas eleições legislativas deixa transparecer claramente que o MDB é um partido em franco crescimento e que a ARENA está em processo de recuo eleitoral generalizado. [...] A ARENA cresce em apenas 1,8% dos municípios e decresce em 66,4% dos municípios, ou seja, em dois terços das unidades políticas locais. O perfil do MDB é o oposto, decrescendo em apenas 3,5% dos municípios, cresce tendencialmente em 3/4 dos casos, isto é, em 75,9% das unidades políticas locais. (TRINDADE, 1975a, p. 175-176).

Esta constatação permite-lhe concluir que,

[...] embora após 64, a ARENA seja o partido dominante no RGS e a tendência evolutiva das eleições municipais lhe seja favorável, o impacto dos resultados das eleições de 1974 restabeleceu provavelmente a ponte com os padrões observados na fase multipartidária de crescimento dos partidos de apelo populista no Estado, abrindo perspectivas a uma mutação eleitoral significativa no Estado, cujo primeiro teste serão as eleições municipais de 1976, onde será averiguado o caráter eleitoralmente estrutural ou conjuntural do crescimento do MDB nas últimas eleições. (TRINDADE, 1975a, p. 176).

Partindo-se deste simplificado resumo das análises feitas sobre o bipartidarismo gaúcho e das conclusões alinhadas no fim da seção anterior, que resposta pode ser oferecida à questão central deste artigo?

Os resultados de 1974 indicam uma definição estável do eleitorado riograndense? O que equivale a dizer que a ARENA não mais se constituiria num partido com condições de eleitoralmente conquistar o poder no estado.

Atente-se que é o próprio marco bipartidário que está em questão. Na realidade ele já esteve sob suspeição após 1970, quando o fraco desempenho eleitoral do MDB parecia prefigurar o início de uma incontestada hegemonia arenista.

Como interpretar esta variação?

Remeter os dados de 1970 e 1974 a 1966 não resolve a questão porque aquela eleição, em razão da proximidade da mudança do sistema partidário, não possui as características de uma “eleição normal” com relação à qual os “desvios” de 1970 e 1974 pudessem ser medidos.

Tampouco é satisfatória a referência a 1962. Ainda que se encontre linhas de continuidade entre a fase multipartidária e a bipartidária, sou de opinião que as eleições de 1970 e 1974 constituem uma realidade política própria.

Parece-me que as eleições de 1966 ocorrem ainda dentro de um quadro de referências políticas fixadas no período 1950/1962. Os partidos ainda são somente amplas legendas dentro das quais se acomodam protagonistas do período anterior, alguns dos quais “hurlent de se trouver ensemble”.

Já nas eleições de 1970 e 74, as duas agremiações partidárias parecem ter adquirido uma feição própria (conquanto retenham ainda cisões e alas que datam do período anterior), o nível político regional apresenta-se estreitamente relacionado com o nível nacional, e uma nova geração de políticos (especialmente no MDB), sem tradição no período anterior, conquista seu lugar nos partidos e na política riograndense.

Parece-me então, que uma linha de investigação promissora seria tentar categorizar quantitativamente o eleitorado, criando uma distribuição por níveis de identificação partidária, testando-a a seguir contra os resultados eleitorais.

Este procedimento, que é o padrão nos Estados Unidos por exemplo⁹, supõe que amostras representativas do eleitorado sejam sucessivamente entrevistadas e submetidas à mesma bateria de questões, de forma a se chegar a uma fixação relativamente estável dos diferentes graus de identificação partidária. Os resultados eleitorais agregados servem depois para testar a consistência da distribuição, assim como para expressar a ação do que Converse chamou de “forças de curto prazo” sobre a distribuição de base.

Estudos deste tipo revelam que a escolha eleitoral não se efetiva numa situação em que todas as alternativas, em cada eleição, possuem a mesma probabilidade de serem escolhidas por qualquer eleitor dado. Ao contrário, o eleitorado, como o público consumidor ou como a coletividade de indivíduos religiosos, possui referências estruturadas que limitam consideravelmente a elasticidade das escolhas. Uma considerável parcela do eleitorado ‘consome’ o seu partido predileto com a regularidade com que consomem seus produtos preferidos e podem chegar a ser tão fiéis a eles como o são com suas opções religiosas.

Em sistemas bipartidários estáveis é comum dividir-se o eleitorado em três ou cinco grupos:

- a. eleitores do partido A;
- b. eleitores independentes (ou flutuantes);
- c. eleitores do partido B.

Ou, numa variante mais precisa desta tricotomia:

⁹ Clássicos nestes estudos são os trabalhos de Campbell, Converse, Miller e Stokes, do Survey Research Center, da Universidade de Michigan, em especial *The american voter e Elections and the political order*.

- a. eleitores do partido A;
- b. independentes tendentes a A;
- c. independentes;
- d. independentes tendentes a B;
- e. eleitores do partido B.

Embora não disponhamos de um conjunto sistemático de dados de “survey” sobre esta dimensão atitudinal para o estado como um todo e para o período de tempo utilizado nesta análise, creio ser possível combinar os dados existentes, oriundos dos “surveys” realizados em Porto Alegre, com os dados agregados, para se chegar a uma classificação tentativa e experimental das preferências partidárias do eleitorado gaúcho¹⁰.

A categorização quantitativa do eleitorado, por grau de identificação partidária, possui a vantagem de permitir trabalhar com uma combinação de valores constantes e outros variáveis (cujas tendências, porém, podem ser postuladas), viabilizando interpretar o resultado das três eleições com o mesmo conjunto de categorias e valores.

A primeira preocupação deve ser a de encontrar os valores constantes, especificamente o “eleitorado fiel” de cada partido. Por eleitorado fiel deve-se entender aquela parcela de votantes que se identifica fortemente com um dos dois partidos e nele vota sistematicamente.

Judson De Cew Junior identificou, para Porto Alegre nas eleições de 1974, a percentagem de eleitores “identificados de alguma forma” com o MDB (52,3%), com a ARENA (25,6%) e independentes (22,1%) (DE CEW JUNIOR, 1975).

Os dados de De Cew, entretanto, referem-se somente a Porto Alegre, não autorizando a sua generalização para o eleitorado estadual.

Assim, na ausência de dados de survey sobre o eleitorado fiel dos dois partidos no estado, impõe-se o recurso aos dados agregados.

Parece-me razoável aceitar-se que o eleitorado realmente identificado com o seu partido aparece de forma mais nítida nos insucessos eleitorais. O argumento é simples e intuitivo: o sentimento de fidelidade a causas, associações e pessoas somente é testado efetivamente nas condições de adversidade. Nesta linha de argumentação, nas piores derrotas somente permanecem fiéis os que verdadeiramente se identificam com seu partido.

A ser válida esta proposição, quem, em 1970 votou no MDB resistindo de um lado à tentação do adesismo ao esquema político governamental e de outro resistindo à atração da campanha pela anulação do voto, pode-se supor que realmente se identificava com seu partido.

¹⁰O programa de pesquisas Comportamento Eleitoral no RGS, resultante de convênio celebrado entre a Universidade Federal do RGS e a Fundação Ford, realizou em 1968 um survey de atitudes políticas em Porto Alegre, coordenado pelos professores Leônidas Xausa e Héglio Trindade. Mais recentemente, o professor Judson De Cew Junior, membro do setor de pesquisas em Ciência Política, do Departamento de Ciências Sociais da UFRGS, coordenou novo survey em Porto Alegre, logo após as eleições de 1974, dentro do mesmo programa de pesquisas.

Da mesma forma, quem acompanhou a ARENA em 1974, no contexto de uma crise econômica de cujos efeitos não lograva escapar, com candidatos eleitoralmente fracos, provavelmente o fez por se identificar verdadeiramente com aquele partido.

Adotando-se então este critério para a determinação do “eleitorado fiel” e, computando-se a média percentual dos votos obtidos nas eleições proporcionais de 1970 (MDB) e 1974 (ARENA), chega-se à seguinte distribuição:

Tabela XI. Eleitorado fiel da ARENA e MDB – 1966/1974

MDB	36,5%
ARENA	35,5%
Independentes	28,0%

Definidos então os valores constantes, o próximo passo deve tentar especificar o resíduo de 28,0%, sumariamente caracterizado como independente.

Neste aspecto, as distinções que Judson De Cew estabelece em seu trabalho, referentemente ao grau de identificação partidária do eleitorado de Porto Alegre são de grande valia. De Cew distingue seis categorias de eleitores: arenistas e emedebistas muito identificados; arenistas e emedebistas fracamente identificados; fortemente independentes e fracamente independentes.

Os dados analisados por De Cew demonstram que os independentes ao votar não se distribuem igualmente entre os dois partidos, mas, ao contrário que aproximadamente 48,5% preferem o MDB, 33,4% a ARENA e 18,1% permanecem indiferentes aos dois partidos, votando em branco ou anulando seu voto.

Considerando que, possivelmente, a diferença atitudinal existente entre as categorias “pouco identificado” e “independente tendente a um partido” seja pequena, quando não for a última uma forma espúria de evitar a autoidentificação, parece ser recomendável que sejam agregadas de forma a constituírem o espaço eleitoral adjacente ao “eleitorado fiel”, e a área de recrutamento preferencial de cada partido.

Agregando-se então as categorias MDB fracamente identificado e independente tendendo a MDB e, arbitrariamente reduzindo-se de 48,5% para 45,0% o volume desta parcela do eleitorado (já que se pretende que esta distribuição valha para todo o estado e não apenas Porto Alegre); fazendo-se a seguir o mesmo com as categorias ARENA fracamente identificado e independente tendendo a ARENA e, incrementando-se de 33,4% (em Porto Alegre) para 35,0% o volume deste contingente do eleitorado no estado; e extraindo-se estas percentagens do total de 28% de eleitores independentes (Vide Tabela XI), obtém-se a distribuição seguinte¹¹:

¹¹A atribuição de valores percentuais às três categorias assim criadas, conquanto arbitrária, partiu de dado empírico extraído do survey coordenado por De Cew (1975, p. 75) em Porto Alegre. Na verdade, a correção arbitrária dos valores empiricamente encontrados por De Cew limita-se fundamentalmente a arredondar os valores originais.

Tabela XII. Estimativa da identificação partidária no RGS – 1966/1974

MDB fiéis	36,5%
Tendente a MDB	12,6%
Independente e apolíticos	5,6%%
Tendente a ARENA	9,8%
ARENA fiéis	35,5%

A distribuição do eleitorado riograndense pelo grau de identificação partidária, contida na Tabela XII não passa como é óbvio de uma estimativa rude que, entretanto, espero seja plausível, heurística e testável. Os argumentos em defesa da plausibilidade da estimativa já foram expostos na descrição e justificativa dos procedimentos adotados para criá-la. O seu valor heurístico e sua testabilidade supõem a explicitação de um modelo simplificado de escolha eleitoral para as 5 categorias de eleitores que ela inclui. O modelo que proponho possui então cinco axiomas:

1. o “eleitorado fiel” sempre vota no seu partido e nunca no outro partido;
2. num contexto eleitoral favorável o “eleitorado tendente” ao partido favorecido vota maciçamente nele;
3. os realmente “independentes” sempre votam em branco ou anulam seu voto;
4. num contexto eleitoral desfavorável o eleitorado “tendente” ao partido prejudicado vota em branco ou anula seu voto;
5. num contexto eleitoral equilibrado o eleitorado “tendente” se divide igualmente em relação ao partido para o qual tende: 2/3 acompanha seu partido preferido e 1/3 vota em branco ou anula seu voto.

Estes axiomas impõem que a única operação matemática exigida no teste é a adição, e adição apenas de categorias adjacentes¹².

Com relação ao axioma 1 creio não haver necessidade de justificá-lo. Com relação aos axiomas 2 e 4, a questão crucial é determinar o que seria “contexto eleitoral favorável a um partido e desfavorável ao outro”. Empiricamente esta determinação somente pode ser feita através de pesquisas de opinião durante o período da campanha eleitoral. Logicamente, nos limites de um teste retroativo como o que se fará neste artigo, “contexto eleitoral favorável” é definido em função do vulto da vitória do partido na eleição. Assim, 1970 é um “contexto eleitoral favorável” à ARENA e 1974 o é com relação ao MDB.

O axioma 3 parece-me de fácil aceitação já que, em qualquer eleição há sempre um contingente de eleitores que opta pela anulação de seu voto. No período 1950/1962 a

¹² A exigência de que a adição ocorra apenas entre categorias adjacentes, embora contrarie manifestamente o fato de que eleitores identificados com um partido votem em candidatos de outro, é logicamente defensável, possivelmente expresse o que realmente ocorre com mais frequência, e é uma exigência incontornável do axioma 1. Como em qualquer modelo formalizado, o rigor lógico impõe o custo de uma maior independência da realidade empírica, na expectativa de ganhos na economia, parcimônia a capacidade preditiva do modelo.

média dos votos nulos e brancos nas eleições proporcionais foi de 3,1%. Parece-me que o acréscimo de 2,5% não seja excessivo considerando-se que de 1962 para o período 1966/1974 interfere o impacto da mudança do sistema partidário sobre o eleitorado, expresso, entre outras formas no crescimento do voto branco nulo.

Finalmente, o axioma 5 é, seguramente, o mais discutível. A definição empírica do “contexto eleitoral equilibrado” exige, como no caso dos axiomas 2 e 4, pesquisa de opinião prévia à eleição. Dentro do modelo a definição equivale à eleição de 1966.

Por outro lado, a determinação do modelo de que 2/3 dos eleitores tendentes votem com o partido preferido e 1/3 vote em branco ou anule o voto parece ser mais arbitrária.

Se se supõe, entretanto, que, num “contexto eleitoral favorável”, todo o eleitorado tendente acompanha o partido favorecido e que, num “contexto eleitoral desfavorável”, todo o eleitorado tendente vota em branco ou anula seu voto, então, num “contexto eleitoral equilibrado” é de se supor que este eleitorado se divida numa distribuição intermediária a estes dois extremos.

Não me parece razoável, contudo, que num contexto eleitoral equilibrado a divisão entre as duas alternativas fosse 50% para uma e 50% para a outra. Creio ser mais plausível que, nesta hipótese, a maioria (2/3) vote com o partido que mais simpatiza e a minoria (1/3) vote em branco ou anule seu voto.

Expostos assim os fundamentos lógicos do modelo deve-se, a seguir testá-lo. Neste artigo, o teste será retroativo, isto é, aplicar-se-á o modelo e as regras axiomáticas que o constituem para “prever” o resultado das eleições de 1966, 1970 e 1974.

Seguindo as regras do modelo e, aplicando-o retroativamente, os resultados da eleição de 1974 deveriam ter sido os seguintes:

Tabela XIII. Resultados eleitorais derivados do modelo confrontados com os resultados reais da eleição de 1974

	Eleitorado “fiel”	Eleitorado tendente	Resultado teste	Resultado real	Diferença
MDB	36,5% +	12,6%	49,1%	50,1%	-1,0%
ARENA	35,5% +	0,0%	35,5%	35,5%	0,0%
Independentes e apolíticos**	5,6% +	9,8%*	15,4%	14,1%	1,3%

* Nesta eleição o modelo exige que o eleitorado tendente à ARENA vote em branco ou anule seu voto.

** Independentes e apolíticos dentro do modelo votam sempre em branco ou anulam seu voto.

A Tabela XIII contém então a distribuição que o modelo preveria numa eleição em que o contexto eleitoral foi favorável ao MDB. Como se observa a previsão e o que realmente ocorre revelam excelente ajustamento. O ajuste perfeito, no caso da ARENA,

não surpreende porque ocorre por definição; nas outras duas categorias, a margem de erro é mínima.

A eleição de 1970 foi vencida pela ARENA, também por larga margem (embora inferior à do MDB em 1974). A Tabela XIV contém o resultado previsto pelo modelo confrontado com os resultados reais.

Tabela XIV. Resultados eleitorais derivados do modelo confrontados com os resultados reais da eleição de 1970

	Eleitorado "fiel"	Eleitorado tendente	Resultado teste	Resultado real	Diferença
MDB	36,5% +	0	36,5%	36,5%	0
ARENA	35,5% +	9%,8	45,3%	44,1%	+ 0,18
Independentes e apolíticos	5,6% +	12,60%*	18,2%	19,1%	- 0,1%

* Nesta eleição o modelo exige que o eleitorado tendente ao MDB vote em branco ou anule seu voto.

Verifica-se novamente na Tabela XIV o excelente ajustamento entre a previsão e os resultados reais. Como no caso da Tabela anterior, nesta o ajuste perfeito na categoria MDB é obtido por definição.

Finalmente, no caso da eleição de 1966, onde verificou-se ligeira vantagem do MDB sobre a ARENA, na qual nenhum ajuste perfeito por definição é possível, obtém-se o melhor ajuste das três tabelas entre a previsão e os resultados reais:

Tabela XV. Resultados eleitorais derivados do modelo confrontados com os resultados reais da eleição de 1966

	Eleitorado "fiel"	Eleitorado tendente	Resultado teste	Resultado real	Diferença
MDB	36,5% +	8,4%*	44,9%	44,2%	+ 0,7%
ARENA	35,5% +	6,4%*	41,9%	42,2%	- 0,3%
Independentes e apolíticos**	5,6%	+ 4,2% + 3,2% **	13,0%	13,3%	- 0,3%

* Nesta eleição o modelo exige que 2/3 do eleitorado tendente a cada partido vote com o eleitorado fiel.

** Nesta eleição o modelo exige que 1/3 do eleitorado tendente a cada partido vote com os independentes e apolíticos em branco ou anulando seu voto.

Sem dúvida alguma o modelo resiste muito bem ao teste retroativo, embora sua confiabilidade fique parcialmente comprometida pela possível espuriedade, introduzida pelos valores constantes atribuídos ao eleitorado fiel, que conduz a um ajuste perfeito por definição em 1974 (ARENA) e em 1970 (MDB).

Tal espuriedade, entretanto, inexistiu no caso da eleição de 1966, exatamente aquela na qual o ajuste é melhor. Por outro lado, a tentativa de retroagir ainda mais o modelo, aplicando o teste às eleições de 1962 e 1958, evidenciou que a distribuição da Tabela XII, se possui alguma consistência empírica, esta se restringe ao período iniciado com as eleições de 1966. As diferenças entre a previsão que o modelo impõe e os resultados são de magnitude muito maior do que as verificadas nas Tabelas XIII, XIV e XV.

O modelo desenvolvido nesta parte final do artigo, retroativamente testado com sucesso, é ainda demasiado grosseiro para se prestar a testes prospectivos. Ele somente poderá ser testado prospectivamente quando, através de surveys conhecermos com mais segurança as disposições atitudinais e a própria existência empírica das categorias de eleitores que contém. Sem se conhecer mais sobre: a) a existência das categorias; b) seu volume real dentro do eleitorado; c) a distância atitudinal existente entre elas; d) a ordem de preferências das diferentes categorias entre as alternativas de voto, o instrumento, tal como foi proposto aqui será demasiadamente impreciso para propor previsões confiáveis.

À medida então que os próximos surveys incluam questões que permitam esclarecer estes pontos, o modelo poderá ser aperfeiçoado e tornado mais preciso, ou substituído por outro. Em qualquer das duas hipóteses terá cumprido, espero, uma útil função heurística.

Creio ser possível agora, combinar as informações analisadas e as produzidas neste artigo para chegar a algumas considerações sobre o futuro do bipartidarismo no estado.

A primeira parte do artigo demonstrou que o crescimento do eleitorado, assim como a tendência para a sua crescente urbanização, beneficiaram eleitoralmente o MDB.

Sociologicamente, o eleitorado do MDB tende a ser, no RGS como em outros estados, urbano, recrutando grande parcela de votantes entre as classes baixas. No RGS, por outro lado, além desse perfil, o MDB tem se constituído num partido com respeitável base eleitoral nas zonas rurais e, nos centros urbanos, dotado de considerável capacidade de atração para a classe média e até setores das classes altas¹³.

Não há, pois, como não reconhecer que importantes processos sociais, estruturalmente radicados, têm sido favoráveis ao partido da oposição. A vigorar a cláusula “*rebus sic stantibus*” o bipartidarismo gaúcho tem seus dias contados. Em outras palavras, permanecendo a ARENA de costas voltadas para o eleitorado urbano, para as classes baixas, e para os jovens, e confortando-se em cultivar o seu eleitorado tradicional, numericamente minoritário e em processo de redução, sua viabilidade eleitoral ficará seriamente comprometida.

Por outro lado, se é verdade que a ARENA conta com 35,5% do eleitorado riograndense como eleitores fiéis, e o MDB com 36,5%, impõe-se reconhecer que existe uma sólida implantação das duas agremiações partidistas no eleitorado, dando consistência e estabilidade à estrutura bipartidista.

¹³ Veja-se a propósito o trabalho de Trindade (1975b).

Parece, pois, que o quadro político do estado combina, de um lado a existência de uma divisão equilibrada do eleitorado fortemente identificado entre os dois partidos, com uma tendência para o eleitorado menos identificado encontrar no MDB o partido que melhor tem expressado as suas aspirações e sentimentos.

Em última análise trata-se de uma questão de estratégia política, sobre a qual talvez esteja mais capacitado para opinar o comentarista político e não o cientista político.

A continuidade do bipartidarismo gaúcho parece depender da capacidade de um dos partidos (ARENA) fazer campanha e sensibilizar não apenas o seu eleitorado fiel, mas também de se tornar atraente e competitivo junto àquela parcela de votantes, cujos votos decidem as eleições e que, sem se identificar intensamente com nenhum dos dois partidos, tem encontrado no MDB o veículo mais sensível para a expressão dos seus sentimentos.

A história dos partidos políticos registra diversos casos de partidos que, outrora fortes e poderosos, não foram capazes de introduzir, com vigor e audácia, as mudanças necessárias para continuarem em condições de eleitoralmente conquistar o poder. O Partido Liberal inglês é um caso notório desta capacidade. O Partido Conservador (inglês) é, por outro lado, um exemplo vivo de rejuvenescimento partidista.

Reitero ao final o que disse no início. A série de dados disponíveis para a análise política é por demais restrita para permitir uma resposta categórica à questão suscitada pelos resultados de 1974.

A tendência do eleitorado é manifestamente favorável ao MDB. A permanência desta tendência certamente implicará na incontestada hegemonia emedebista no estado e no fim do bipartidarismo. Por outro lado, a ARENA parece possuir uma base eleitoral estável e numericamente significativa, que daria consistência eleitoral às mudanças que a tornariam mais competitiva, não sendo em consequência, razoável descartar-se a possibilidade de se recompor o equilíbrio eleitoral entre as duas estruturas partidistas que dividem a preferência do eleitorado riograndense.

Até que haja mais resultados eleitorais para analisar, as conjecturas sobre o futuro do bipartidarismo no RGS devem ficar com os comentaristas políticos.

SOBRE O AUTOR

Francisco Luis dos Santos Ferraz (1940-2023): foi professor da UFRGS, dos departamentos de Ciências Sociais e Ciência Política, fundador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política em 1973 e Reitor da Universidade entre 1984 e 1988.

REFERÊNCIAS

1. AZEVEDO, Fay de. Balanço das eleições de 1958 no Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, 8 abr. 1960.
2. DE CEW JUNIOR, Judson. Identificação partidária e variação eleitoral em Porto Alegre (1966-1974). *Revista do IFCH/UFRGS*, n. 3, 1975.
3. TRINDADE, Helgio. Padrões e tendências do comportamento eleitoral no Rio Grande do Sul” (1950/74). In: CARDOSO, Fernando H.; LAMOUNIER, Bolívar (Eds.). *Os partidos e as eleições no Brasil*. São Paulo: CEBRAP; Paz e Terra, 1975a.
4. TRINDADE, Helgio. Anatomia do voto em Porto Alegre. *Revista do IFCH/UFRGS*, n. 3, 1975b.
5. TRINDADE, Helgio. Padrões de comportamento eleitoral no Rio Grande do Sul. *Revista do IFCH/UFRGS*, n. 1, 1974.
6. XAUSA, Leônidas; FERRAZ, Francisco. As eleições de 1966 no Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, jul. 1967/jan. 1968.

Submissão em: 21 nov. 2023

Aceito em: 28 nov. 2023

